

ME APRENDE?: CONSTRUINDO LUGARES PARA CRIANÇAS E SEUS CUIDADORES – APRESENTAÇÃO

ELOISA VIDAL ROSAS

Psicóloga, terapeuta de família, mestre em Comunicação pela UFRJ

É com muita satisfação que retorno, para uma visita, à Estante de Livros. Satisfação esta produzida não só pela participação neste número da revista como também pela oportunidade de comentar o lançamento do novo livro organizado por Helena Maffei Cruz: *Me aprende?: construindo lugares para crianças e seus cuidadores*. O livro foi lançado no evento Construcionando, uma iniciativa da *Nova Perspectiva Sistêmica*, que teve sua terceira edição em outubro, com a presença de Jim Wilson, Marcelo Pakman e John Shotter, além de participantes brasileiros envolvidos com o movimento construcionista social.

Este livro se inscreve, desde já, como um título obrigatório para terapeutas que trabalham com crianças e com suas famílias, e por vários motivos.

Em primeiro lugar, Helena – como anteriormente, no ótimo *Papai, mamãe, você... e eu?* – não se contenta em organizar um livro sobre terapia incluindo crianças: convida experientes terapeutas, de indiscutível carisma, a compartilhar suas experiências, e promove um diálogo entre estes e renomados colegas de outros países, oferecendo aos leitores a oportunidade de participar de reflexões enriquecedoras. Por meio dos textos de Paula Ayub, Marilene Grandesso, Adriana Bellodi Costa, Sandra Colombo, Carmen Farias e Eliana Moreira, do Brasil, e de autores estrangeiros tais como o neozelandês David Epston – com Lisa Johnson e David Marsten, dos Estados Unidos –, Carina Hakansson, da Suécia, Letícia Rodríguez, do Paraguai, e Jim Wilson, do País de Gales, o livro nos conduz por um percurso de experiências variadas, no qual a curiosidade, o respeito e a criatividade são a tônica. Criança é criança, família é família, em qualquer lugar do mundo. O livro conta ainda com a contribuição preciosa dos comentários de Harlene Anderson, Pal Talberg, John Shotter e Maggie Carey, que nos oferecem, nas palavras de Helena, “um presente de valor inestimável”.

O resultado é um conjunto harmonioso, no qual o produto é muito mais que a soma das partes. As metáforas valorizadas no século passado (!), influenciadas pela psicanálise ou por modelos mais mecanicistas, deram lugar às metáforas conversacionais, colaborativas e narrativas, mais inclusivas. O foco nas restrições impostas pelas descrições voltadas para a patologia deu lugar ao convite para ampliar narrativas, convite este que se estende não só aos terapeutas e famílias envolvidos nas conversas propriamente ditas, mas a toda uma comunidade participante. Promessa segura de leitura agradável.

Em segundo lugar, as/os autoras/autores formam parte da tribo que reconhece que os conceitos psicológicos contribuíram não só para o que Ken Gergen chamou de “linguagem de déficit”, mas também para a depreciação dos “saberes locais”, valorizados por, entre outros, Clifford Geertz e Paulo Freire. Compartilham estes autores e autoras o paradigma no qual os modelos narrativo e colaborativo fornecem o cenário para que se possa exercitar um olhar generoso, que não procura vítimas ou culpados, erros ou acertos. Olhar este que singulariza cada encontro, promovendo aquilo que Spinoza já apontava como “bons encontros”, os que

potencializam positivamente o existir. Na mesma onda, um olhar que promove e valoriza habilidades e conhecimentos prévios. Não é uma questão de *quanto*, mas de *como* estas habilidades e conhecimentos podem ser exercidos, sem comparações de melhor ou pior. (Não seria este um dos critérios de bem-estar... a utilização de nossas capacidades até onde as podemos expandir naquele momento?) Promessa segura de leitura cativante.

Em terceiro lugar, o título do livro, *Me aprende?*, de uma simplicidade aparente, carrega em si uma posição epistemológica que desafia saberes estabelecidos; recorro às palavras de Paulo Freire para me explicar:

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (...) Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluiu na experiência realmente fundante de aprender (2002, p. 12).

As histórias contadas e recontadas descrevem, configuram e reconfiguram a vida das pessoas. A partir da aparição das perspectivas narrativistas, as intervenções clássicas, que são parte da tradição da terapia familiar, passaram a ser consideradas formas de se posicionar e de participar nas conversações terapêuticas. Assim, participar e influenciar em um processo é diferente de olhar o problema “desde fora”: as soluções são construídas com a participação de todos os envolvidos, honrando e respeitando tradições, valores e crenças daquele sistema. A terapia é mais um “artesanato de contextos”, uma facilitação de processos, na qual aprender/ensinar/aprender se dão recursiva e dialogicamente.

Helena reuniu um time de terapeutas que produziram textos sobre conversas, metáforas lúdicas, teorias e, além de tudo, sobre “conversas sobre conversas”, experiências pessoais, encarnadas e repletas de afetos. Oferecem a nós, leitores participativos, passe livre não só ao cenário, como aos bastidores, seus diálogos, as trocas entre parceiros, reflexões e pensamentos sobre conquistas e decepções. Promessa segura de leitura comprometida com valores genuinamente democráticos.

REFERÊNCIA

Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Recuperado em novembro 2012, de http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Autonomia.pdf.